

COLUNA

Carnaval 2025

“KAÔ KABESILÊ BABÁ OBÁ!”: EGBÉ IYÁ NASSÔ DE CASA BRANCA DO ENGENHO VELHO, É O TEMA DO DESFILE DA UNIDOS DE PADRE MIGUEL

Leandro Rodrigues Nascimento da Silva¹

Venho falar ao/à leitor/a da Unidos de Padre Miguel, que é uma das tradicionais escolas de samba do Rio de Janeiro, fundada em 11 de junho de 1955 no bairro de Padre Miguel, na Zona Oeste da cidade. A escola tem uma história marcada por altos e baixos, mas também por momentos de grande destaque no carnaval carioca, incluindo sua ascensão ao Grupo Especial, a elite do carnaval. Por muitos anos, a escola competiu nos grupos de acesso, buscando uma vaga no Grupo Especial. Durante décadas, a Unidos de Padre Miguel alternou entre momentos de glória e dificuldades financeiras e administrativas, comuns a muitas escolas de samba. A Unidos de Padre Miguel conseguiu seu acesso ao Grupo Especial em 2005, após vencer o Grupo de Acesso (atual Série A) com o enredo “Do paraíso de Deus ao paraíso da loucura – Onde tudo pode acontecer”, que falava sobre a história do bairro de Padre Miguel e suas transformações ao longo do tempo. Esse foi um momento histórico para a escola, que finalmente alcançou o tão sonhado lugar entre as grandes do carnaval carioca.

¹ Professor Auxiliar na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em 2024, a Unidos de Padre Miguel viveu um momento histórico e emocionante ao vencer o Grupo de Acesso (Série A) do carnaval carioca, garantindo seu retorno ao Grupo Especial após 52 anos fora da elite do carnaval. Esse foi um marco importante para a escola, que mostrou força, superação e uma grande conexão com sua comunidade. A escola desfilou com o enredo “É brilho! É fulgor! É só amor! Eu vou...”, uma homenagem ao Circo, celebrando a arte, a magia e a alegria dos espetáculos circenses. O enredo foi desenvolvido pelo carnavalesco Alexandre Louzada, que trouxe um desfile repleto de criatividade, cores e emoção, resgatando a essência da Unidos de Padre Miguel. Com um desfile impecável, a Unidos de Padre Miguel conquistou o primeiro lugar no Grupo de Acesso, somando 270 pontos, e garantiu sua promoção ao Grupo Especial para o carnaval de 2024. A vitória foi celebrada com muita alegria pela comunidade de Padre Miguel, que lotou a Sapucaí para apoiar sua escola.

Agora, a Unidos de Padre Miguel se prepara para o desafio de desfilar no Grupo Especial em 2025, onde enfrentará as grandes escolas de samba do Rio de Janeiro. A expectativa é que a escola continue valorizando suas raízes e apresentando enredos emocionantes, mantendo viva a magia que a levou de volta à elite do carnaval. E o que será que ela trará para nós neste ano? A Unidos de Padre Miguel, com o enredo “Egbé Iyá Nassô”, traz para a avenida uma celebração profunda da ancestralidade e da resistência negra no Brasil, colocando em evidência a figura de Iyá Nassô, uma das fundadoras do Candomblé no país. Este enredo não é apenas uma exaltação religiosa, mas um resgate histórico da luta das mulheres negras na preservação das tradições africanas diante da violência colonial e do racismo que perdura até os dias de hoje.

Mas, você deve estar se perguntando, quem foi Iyá Nassô? Iyá Nassô foi uma sacerdotisa de origem africana que, no século XIX, liderou a construção do terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador, considerado um dos mais antigos e importantes templos de Candomblé do Brasil. Em um período em que o culto aos orixás era perseguido e reprimido pelas autoridades, ela e outras sacerdotisas, como

Lyá Marcelina da Silva e Lyá Obá Tossi, garantiram que as tradições espirituais e culturais dos povos africanos sobrevivessem, tornando-se referência para a formação de outros terreiros fundamentais no país, como o Ilê Axé Opô Afonjá e o Gantois. O desfile da Unidos de Padre Miguel tem um potencial gigantesco para transpor essa história para a Sapucaí com uma narrativa visual de impacto. A escola pode transformar a avenida em um grande ilê, exaltando a força das mulheres que sustentaram a religiosidade africana no Brasil. A imagem de Lyá Nassô deverá vir associada ao axé das ialorixás, mostrando o legado inquebrantável dessas sacerdotisas que fizeram do Candomblé um pilar da identidade afrobrasileira.

Mais do que um desfile, “Egbé Lyá Nassô” é uma resposta política. Em tempos de intolerância religiosa e ataques constantes às religiões de matriz africana, a Unidos de Padre Miguel assume um papel de resistência ao trazer para o centro do Carnaval uma história que desafia o apagamento da cultura negra. O enredo também dialoga com o protagonismo feminino na luta contra o racismo e na preservação das tradições. Lyá Nassô não apenas fundou um terreiro, mas ergueu um espaço de acolhimento, proteção e continuidade para gerações de filhos e filhas de santo. A história de Lyá Nassô e das mulheres à frente do Candomblé brasileiro se entrelaça profundamente com a trajetória das matriarcas do samba carioca, como Tia Ciata. Ambas representam a força feminina negra e religiosa no Brasil, construindo espaços de transmissão de saberes em meio à repressão e ao racismo. Quando a Unidos de Padre Miguel escolhe contar a história de Lyá Nassô, está também falando dessas mulheres que, como sacerdotisas e guardiãs das tradições africanas, garantiram a permanência e a reinvenção das heranças recebidas.

No Rio de Janeiro, no final do século XIX e início do XX, mulheres como Tia Ciata desempenharam um papel semelhante ao de Lyá Nassô ao transformar seus quintais e terreiros em verdadeiros quilombos urbanos, onde a cultura africana era preservada e reinventada. Nos terreiros de Candomblé, o culto aos orixás se manteve vivo mesmo sob a repressão policial e as tentativas de apagamento. Nos quintais das tias baianas, o samba nasceu e se fortaleceu, enfrentando as mesmas proibições e

perseguições. A relação entre essas mulheres não é apenas histórica, mas também simbólica. O samba, assim como o Candomblé, se estruturou em espaços de sociabilidade negra, onde a oralidade, a musicalidade e a ancestralidade foram elementos centrais. As mesmas mulheres que preparavam os ebós e comandavam os xirês eram também as que organizavam rodas de samba e promoviam encontros de resistência. Tia Ciata, por exemplo, era uma ialorixá respeitada e sua casa foi um dos berços do samba urbano carioca. Como Iyá Nassô, ela soube transformar sua fé em um ato de coragem, protegendo e propagando tradições que se tornariam fundamentais para a nossa identidade brasileira.

A história das mulheres no Candomblé é marcada por essa mesma capacidade de enfrentar a violência e o preconceito com organização e espiritualidade. Desde Iyá Nassô, passando por figuras como Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá, e Mãe Menininha do Gantois, essas sacerdotisas garantiram que a tradição dos orixás não apenas sobrevivesse, mas se expandisse, consolidando-se como uma das principais expressões religiosas do país. No samba, essa presença feminina também foi fundamental. Tias baianas, passistas, compositoras e porta-bandeiras foram peças-chave para a formação do Carnaval como conhecemos hoje. O próprio desfile das escolas de samba carrega muito do que era o ritual dos antigos terreiros, com seus cortejos, atabaques e cantos de exaltação. Iyá Nassô e Tia Ciata são faces de uma mesma resistência, e em 2025, a Unidos de Padre Miguel as colocará no centro da festa, lembrando ao Brasil que é impossível falar de cultura sem reconhecer a força e a liderança das mulheres negras. Depois de conhecermos sobre a história da escola de samba mencionada e de seu enredo para 2025, vamos à letra do samba:

*Eiêô! Kaô kabesilê babá obá!
Couraça de fogo no orô do velho Ajapá
a raça do povo do Alafin, e arde em mim..
Rubro ventre de Oyó
Na escuridão, nunca andarei só
Vovó dizia: "Sangue de preto é mais forte que a travessia!"
Saudade, que invade! Foi maré em tempestade
Sopra a ancestralidade no mar (ê rainha)
Preceito é herança sem martírio
Airá guarda seus filhos no ilê da Barroquinha*

*É a semente que a fé germinou, Iyá Adetá
O fruto que o axé cultivou, Iyá Akalá
Yiá nassô, ê babá Assika
Yiá nassô, ê babá Assika*

*Vou voltar mainha, eu vou
Vou voltar mainha, chore não
Que lá na Bahia
Xangô fez revolução*

*Oxê... a defesa da alma na palma da mão
No clã de Obatossi, há bravura de Oxossi no meu panteão
é d'Oxum o acalanto que guarda o otá
Do velho engenho, xirê que mantenho no meu caminhar
Toca o adarrum que meu orixá responde
Olorum, guia o boi vermelho seja onde for
Gira saia Aiabá, traz as águas de Oxalá
Justiça de Agodô, tambor guerreiro firma o alujá*

*No egbé Vila Vintém, dagô Xangô!
Amor que vai além, legado de família
Exemplo de luta sem medo
Voz feminina do gueto
Samba-enredo de mãe pra filha*